

A EXPERIMENTAÇÃO LINGÜÍSTICA NA PROSA

Primeiro momento: os modernistas

Cecília de Lara

“A existência admirável que levo consagrei-a toda a procurar. Deus queira que eu não ache nunca... Porque seria então o descanso em vida, parar mais destestável que a morte”. Mário de Andrade (Advertência. *Losango Cãqui*).

1. Delimitação do tema, conceitos. Aplicação ao Modernismo

Tentando delimitar meu tema, no conjunto, observei uma lacuna: a da falta de uma abordagem específica do regionalismo, principalmente no que se refere ao romance, de 1928 em diante.

Reconhecendo a importância da contribuição regionalista, no Modernismo, pelas peculiaridades lingüísticas e de meios de expressão oral que incorpora à linguagem literária, devo restringir-me aos eventos da década de 20, nas etapas iniciais do movimento, conforme me cabe.

Feita essa delimitação temporal, tomo os conceitos que compõem o tema: experimentalismo lingüístico. *Experimental*, *experiência*, antes da década de 20, se referia a um âmbito mais restrito, o das chamadas ciências exatas, experimentais, que assim se definiam por sua metodologia. O ensaio, a tentativa, a busca, a pesquisa, os achados, os acertos, têm a ver com essa atitude — a de experimentar.

Como isso desliza para a Arte e a Literatura é questão que teria sua raiz a ser localizada nas Vanguardas européias. No caso brasileiro Mário de Andrade utiliza o termo no manifesto de *Klaxon*, em 1922, embora já esteja implícito em sua conceituação de arte, no Prefácio Interessantíssimo, da *Paulicéia Desvairada*.

Diz o Manifesto: "Klaxon sabe que o laboratório existe. Por isso quer dar leis científicas às artes; leis sobretudo baseadas nos progressos da psicologia experimental. Abaixo os preconceitos artísticos! Liberdade! Mas liberdade embridada pela observação"¹

Nesta referência a idéia de experimentação se alia à da liberdade ante os preconceitos artísticos. Isto ajuda a entender sua aplicação à literatura. É preciso lembrar que na visão conservadora a preocupação do artista era imitar modelos, ou pelo menos seguir preceitos, cânones, segundo um conceito estático de arte — o de imutabilidade dos princípios de beleza. Monteiro Lobato os invoca, para combater a pintura de Anita Malfatti, em 1917: "Todas as artes são regidas por princípios imutáveis, leis fundamentais que não dependem do tempo nem da latitude"².

É verdade que com o Romantismo a rigidez clássica já se afrouxara e o Simbolismo dera avanço à libertação rítmica da poesia. Mas, por sua vez, o Parnasianismo trouxe de volta, embora atenuado, o Classicismo. No Brasil isto significa um retrocesso em relação ao Romantismo. A revivescência neo-clássica nada tinha a ver com a cultura brasileira. A direção brasileira da arte depois de Alencar só encontra paralelo no Modernismo, com Mário de Andrade.

Não que nas obras posteriores ao Romantismo tivessem se apagado as marcas das posições de Alencar. Mas, na radicalização brasileiro-romântica, no debate relativo à língua, o início do século XX assistiu a um retrocesso, com a carga toda do purismo, voltando à luta.

No Modernismo, experimentação se confunde com a essência do espírito do movimento. É o lançar-se na busca do novo, fugindo à imitação aos modelos, no plano objetivo, e tentando quebrar condicionamentos e não se repetir, no plano pessoal, como bem o define Mário de Andrade.

A experimentação abarca um âmbito amplo no Modernismo, no qual a questão lingüística é uma faceta que só artificialmente pode isolar-se do contexto. Modernistas mais radicais, como Mário de Andrade e Oswald de Andrade, assumem a experimentação como atitude permanente — e o resultado se manifesta sob qualquer ângulo em que se considerem suas obras.

Um dos resultados mais evidentes é a heterogeneidade da produção modernista — de um autor para outro ou no conjunto da produção de um só autor. Diversidade provinda da atitude conscientemente assumida de fugir à repetição. Daí a fragilidade de se utilizar tal característica como critério de valor da produção modernista.

Augusto Meyer, do Rio Grande do Sul, autor de *Coração Verde*, *Giraluz*, *Poemas de Bilu*, diz, em dedicatória de obra enviada a Mário de Andrade: "Cada livrinho meu tem de ser uma aventura nova. Aliás você já explicou isso no prefácio do *Losango* e como..."³. Na "Advertência" a *Losango Caqui*, tinha escrito Mário

¹ Manifesto da revista KLAXON n.º 1, fevereiro de 1922.

² Monteiro Lobato — A propósito de Anita Malfatti. *O Estado de São Paulo*, 20 de dezembro de 1917. In ROSSETTI, M. et alii — Brasil 1.º tempo modernista. 1917/29. Instituto de Estudos dos Brasileiros da U.S.P. de São Paulo, 1972.

³ Dedicatória no volume de *Giraluz* da Biblioteca do I.E.B., U.S.P., conforme transcrevemos e comentamos em ensaio comemorativo dos dez anos de morte do escritor gaúcho, publicado no Caderno de Sábado do *Correio do Povo*, Porto Alegre, a 12 de julho de 1980.

de Andrade: "Porém peço que este livro seja tomado como pergunta, não como solução que eu acredite sequer momentânea. A existência admirável que levo consagrei-a toda a procurar. Deus queira que eu não ache nunca... Porque seria então o descanso em vida, parar mais detestável que a morte".

Postura oposta, como se vê, ao cultivo dos valores eternos e imutáveis da arte, invocados por Monteiro Lobato. Os valores estéticos, aqui, são outros, como a novidade, a surpresa, a originalidade, não mais a imitação, a repetição. Não foi gratuitamente que na *Paulicéia Desvairada* Mário de Andrade colocou uma dedicatória a si mesmo, chamando-se "Mestre querido", dizendo, entre outras coisas: "Recebi no vosso perdão o esforço / do escolhido por vós para único discípulo" /. Ser discípulo único de si mesmo. Fundar uma escola e encerrá-la na mesma obra. Tudo isto é muito mais coerente do que se pensa, à primeira vista. E muito mais sério, sob a aparência de brincadeira.

Por ocasião dos debates sobre a fixação de ortografia, ponto de discussões acirradas, Mário de Andrade numa das crônicas sobre o assunto, em 1929, pergunta: "Qual foi a *experiência* que nunca se fez em Literatura Brasileira? Positivamente nenhuma". (grifo meu). E segue: "...a nossa Literatura, mesmo com as suas obras primas foi sempre uma reimposição em letra de forma nacional, de *experiências estranhas já fixadas*. Hoje nós experimentamos simultaneamente e, umas poucas vezes, originalmente (grifo meu). Dantes todos jogavam no certo porque *errar era uma vergonha*. (grifo do autor). E completa: "A mocidade agora está encarando o erro, sadiamente, como uma possibilidade de aceitar. A Academia, fixando o direito de errar em ortografia, coincidiu, hélas"! conosco⁴.

Embora fazendo blague, Mário de Andrade está expressando o significado da libertação dos padrões, que marcou o movimento, como muito tempo depois, na famosa conferência de 1942, no Rio de Janeiro, acentuaria em frase tão repetida, dizendo que o Modernismo trouxe o "direito permanente à pesquisa"⁵. Para entender melhor a rebelião modernista é bom lembrar o clima encontrado pelos que deram início ao movimento. Nomes que se ouviam, no campo dos estudos lingüísticos, eram Laudelino Freire — defensor do purismo, que se opunha até à fixação ortográfica que reproduzisse a fala brasileira; João Ribeiro, que defendia posições puristas, que depois revê, abrindo-se à renovação; Silva Ramos, que aceitava como padrão, além da norma gramatical, o texto dos escritores — e com isso dava uma excelente abertura à experiência modernista. José Veríssimo também oscilou, acabando por acatar o que denominou "fatos da língua", ou seja, o que era de uso popular e erudito, incostavelmente: o que abria uma alternativa para incorporar o uso brasileiro à linguagem literária.

As discussões da época, giram em torno de neologismos, colocação pronominal, ortografia, e tudo leva a crer que a formação escolar dos modernistas se deu à sombra de Rui Barbosa, Bilac, Taunay, Euclides da Cunha⁶.

⁴ *Diário Nacional*, 8 de dezembro de 1929. In LOPEZ, T.P. Ancona org. — *Táxi e crônicas no Diário Nacional*. Duas Cidades, São Paulo, 1976.

⁵ *O movimento modernista*, Rio de Janeiro, Casa do Estudante, 1942.

⁶ PINTO, Edith Pimentel — *O português do Brasil*. Textos críticos e teóricos. I. 1820/1920. Fontes para a teoria e história. BULB, LTC/EDUSP, São Paulo, 1978.

Ao contrário do que se imagina, certas posições modernistas só podem ser compreendidas em sua real dimensão quando se examinam os conceitos tradicionais, ainda vigentes na época. Por isso abrimos um parêntese. Quando Mário de Andrade, em *Macunaima*, na "Carta às Icamíabas" diz que havia "português escrito e brasileiro falado", mais que uma brincadeira, glosa uma afirmação aceita na época, feita por João Ribeiro — que defendia o que chamava "bilingüismo" — o português escrito e o crioulo; que era a linguagem falada⁷.

Na época havia também a crença generalizada de que o processo de mudança levaria fatalmente o português do Brasil a se transformar em outra língua. E era comum que defensores da "língua brasileira" acreditassem na superioridade do português do Brasil em relação ao de Portugal, havendo afirmações apaixonadas, como a de Medeiros e Albuquerque, por ocasião da fixação das normas ortográficas. Alguns achavam que o Brasil devia esperar a iniciativa de Portugal, e ele contesta: "Os que isso dizem esquecem que os papéis estão invertidos. Sem o mínimo intuito de fazer patriotada, pode afirmar-se que o centro da civilização portuguesa passou do velho reino para o Brasil. Ora, a supremacia econômica precede e arrasta todas as outras. Se, portanto, a língua portuguesa ainda puder esperar um grande papel no mundo será pelo desenvolvimento que tiver nosso país. Assim é perfeitamente justo que a nós toquem as iniciativas"⁸.

Quando Oswald de Andrade, em 1924, no manifesto à Poesia Pau Brasil, propugnava por uma "língua sem arcaísmos. Sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros", opondo *arcaísmos e erudição a natural e neológica*, estava tomando posição frente a um dos pontos polêmicos na questão "língua brasileira". Dizia em 1914 Mário Barreto: "Se se quer alargar o vocabulário de que se dispõe mais vale aventurar e rejuvenescer uma velha palavra do que fabricar uma nova: antes revocar à vida um arcaísmo do que recorrer ao neologismo"⁹.

No exame das idéias dos que pontificavam antes de 1922, que nos interessam, pois nesse período se formaram os criadores do movimento, fica claro que os modernistas combatiam posições estabelecidas, plenamente vigentes.

Para se conhecerem as polêmicas sobre a questão lingüística é importante examinar as páginas da *Revista do Brasil*¹⁰ e dos jornais da época; discussões relativas a aspectos da língua, e entre eles da ortografia eram tão acirradas quanto as de assuntos políticos, que mobilizavam a opinião pública¹¹.

Cândido Figueiredo legislava sobre o que se devia ou não escrever ou dizer. E como dicionarista recebia violentíssimas e arrasadoras críticas de seus contemporâneos. Conclusão: a paixão sempre acompanhou o debate sobre a língua portu-

⁷ IDEM, op. cit.

⁸ IDEM, op. cit., p. 425.

⁹ IDEM, op. cit., p. 431.

¹⁰ ORLOV, Marta L. Volpe — *A Revista do Brasil e a formação de uma consciência nacional*. Monografia de mestrado. F.F.L.C.L., U.S.P., São Paulo, mimeografada, 1980.

¹¹ PINTO, E. Pimentel — *Atos do drama ortográfico. O Estado de São Paulo*. Supl. cult., 31 de janeiro de 1978 — ensaio no qual a autora mostra o clima de discussões apaixonadas que envolviam a questão da ortografia.

sa no Brasil. Esse é, em síntese o clima que encontram os que implantaram o movimento modernista: sua aprendizagem escolar da língua sem dúvida foi tirânica. Escrever de uma forma menos artificial foi para todos eles resultado de esforço consciente, luta pelo descondicionamento da formação, que os marcou até no comportamento. Vejam-se Mário de Andrade, Oswald de Andrade e mesmo Antonio de Alcântara Machado, em seus primeiros escritos.

Assumir a atitude de realizar experimentação na literatura, incluindo a experimentação lingüística, era incorrer no risco de abrir vias próprias. Não seguir modelos, procurar criar livremente, implicava na dinâmica de uma renovação permanente, pois os modernistas não queriam nem mesmo se repetir a si próprios.

2. Direções da experimentação

Na experimentação lingüística se cruzam dois veios, conforme se verificou no movimento, no seu todo: a modernidade e o nacionalismo. Vamos apenas traçar um esboço, sem descer à análise de obras.

Pela via do nacionalismo o Modernismo retomou posturas românticas, como já foi mencionado em palestras anteriores. E Mário de Andrade se irmana com Alencar, consciente da identidade de ideais e de papéis. O momento — 1922 — Centenário da Independência — condiciona o balanço dos anos anteriores, com frutos desoladores. Reviviam-se posições anti-lusitanas: tenta-se localizar os pontos de desvio da tarefa que vinha sendo empreendida na direção de uma cultura brasileira. Nessa linha o Romantismo se torna contemporâneo do Modernismo, enquanto o Parnasianismo vigente na época, por sua origem neoclássica, embora com representantes vivos e atuantes é lançado a quilômetros de distância. Vejam-se os estudos de Mário de Andrade — “Mestres do passado”, quando focaliza autores seus contemporâneos, situando-os numa dimensão que considera ultrapassada.

A busca de uma linguagem literária brasileira, reencetada, após a fase pós-romântica, encontra na incorporação da fala coloquial um de seus mais ricos veios. Quebrar a rigidez formal do uso literário vigente, a Rui Barbosa e Coelho Neto, foi tarefa que o Modernismo assumiu, utilizando meios variados. A linguagem oral brasileira já estava bem afastada do português de Portugal. Esse foi um dos meios que o Modernismo utilizou para dinamizar a linguagem literária. A aproximação *Literatura brasileira / linguagem brasileira* se aliou a outro binômio: *Literatura brasileira / realidade brasileira*, compreendendo vida brasileira, psicologia de brasileiro. Tal como, em síntese, diz Mário de Andrade em *O poeta como amendoim*:

.....
*Brasil que eu sou porque é minha expressão muito engraçada,
 Porque é o meu sentimento pachorrento,
 Porque é meu jeito de ganhar dinheiro, de comer e de dormir//*

(*Clã do Jaboti, Poesias completas, p. 157*)

Quanto à incorporação do coloquial à linguagem literária o tempo está acentuando os acertos da experiência dos contos de Antonio de Alcântara Machado

— cuja dicção não envelheceu, conforme o comprova sua popularidade crescente entre o público leitor, no Brasil e no estrangeiro.

A distância *linguagem literária / linguagem falada* com que o Modernismo se defrontou se explica por razões históricas, da própria constituição da sociedade e da cultura brasileira, segundo Celso Cunha¹². Mas no caso interessa examinar o momento em que se deu a maior aproximação entre esses dois níveis. O peso de tal aquisição para a Literatura Brasileira foi considerável, levando-se em conta a posição de teóricos, como Silva Ramos, que, como mencionamos, além da norma gramatical considerava a validade do uso dos escritores. Ou do próprio José Veríssimo que, sob a designação de “fatos da língua”, dava uma abertura ao uso coloquial e culto.

Nessa perspectiva a incorporação maciça do coloquial na literatura foi um passo real na direção de uma linguagem literária brasileira e não uma simples aspiração utópica, da possível criação de uma “língua brasileira”. Passo tão real que Portugal não ficou indiferente ao resultado: puxou as orelhas dos brasileiros e passou a traduzir para o português de lei obras de regionalistas brasileiros! E com autorização dos autores — o que é pior, segundo conta em crônica memorável Raquel de Queiroz. Ou, no caso de Guimarães Rosa, colocando um glossário, no final — o que é mais coerente.

Essa impregnação da linguagem falada na linguagem literária se deu a nível de vocabulário — coloquialismos, brasileirismos (neologismos), variantes; fonético — devido à pronúncia, por influência regional e estrangeira, e a nível sintático, com alterações comuns na oralidade, como regências verbais peculiares. Tudo isto está presente nas obras das décadas de 20 e 30 prolongando-se até o presente — o que é mais importante.

Outro meio de modificação da linguagem literária proveio da segunda vertente do Modernismo — a Modernidade.

Nesta direção tentou-se aproximar *Literatura moderna / vida moderna*. Superficialmente, com neologismos e estrangeirismos como *aeroplano, kodak, cinematógrafo, jazz-band, fox-trot*, etc. muitos deles envelhecidos aos olhos hoje. E de modo mais aprofundado, na própria estruturação da narrativa. A velocidade, provinda da máquina, da industrialização, é o ingrediente central da modernização, imprimindo seu ritmo acelerado também à expressão. O resultado foi a alteração sintática: justaposição, suprimindo nexos; pontuação, entrecortando o ritmo, fragmentando a linearidade discursiva. A síntese, procurada na tradução da simultaneidade — estática, na reordenação geométrica dos estilhaços, à maneira cubista; dinâmica, na sucessão futurista, que quer captar o movimento em progresso.

Na expressão literária resultam quebras da continuidade sintática: elipses, acúmulos de palavras, períodos que se estruturam sob uma ordem diferente. Polifonia, simultaneidade, são processos explicados e utilizados por Mário de Andrade, e também por Antônio Alcântara Machado, Plínio Salgado, Oswald de Andrade, implicando na alteração da sucessão temporal.

A quebra da estrutura linear, substituindo o progresso normal da sintaxe

¹² CUNHA, Celso. *Língua portuguesa e realidade brasileira*. Tempo brasileiro. Rio de Janeiro. 1974.

pelas associações laterais, metonímicas, caracterizam principalmente Oswald de Andrade, em sua obra-marco de renovação na prosa, *Memórias sentimentais de João Miramar*.

Outro processo que assinala o *aqui e agora* do momento modernista é a inclusão de outras realidades lingüísticas, orais e escritas, exteriores ao texto: a propaganda, o pregão de rua, as músicas, os textos de cartas, convites, etc., que refletem a aceitação de outras modalidades de linguagem, mormente dos meios de comunicação de massa: jornal, cartaz, anúncio, cinema, invadindo o recesso, outrora sacralizado, da criação literária. "A contribuição milionária de todos os erros" de Oswald de Andrade, faz com que as fronteiras *linguagem literária / linguagem coloquial*, uso literário e outros usos da linguagem escrita se interpenetrem, sem se fundir, num processo de colagem visível sobretudo em *Memórias sentimentais de João Miramar* — obra que até hoje se lê com perplexidade. As mais diversas modalidades da linguagem escrita aqui se associam: fragmentos de discurso, com todo o ranço acadêmico, do letrado de província ou com o pernosticismo do semi-alfabetizado que quer parecer culto; cartas, bilhetes, fragmentos, de pessoas de vários níveis sociais e de cultura, de idade e sexo diferentes; linguagem infantil, da mulher, do homem, se entremeiam no discurso do narrador. Como dissemos, isto é só um esboço ligeiro, que só se concretizaria com a análise aprofundada dos textos.

3. O debate: Mário de Andrade

Quanto à discussão objetiva da questão da linguagem, paralela à experimentação prática, Mário de Andrade sobrepujou a todos os demais modernistas. E sua obra e atividades, aparentemente díspares, se unem no mesmo espírito que anima as realizações: a preocupação com a cultura brasileira. E nessa linha, a experimentação lingüística ganha dimensão ampla, nas aplicações práticas ou nas reflexões. O que pretendia era ajudar a formação de linguagem literária brasileira e não criar uma língua brasileira, uma nova gramática, como as distorções podem levar a crer. Falta o estudo pormenorizado de sua contribuição real, nesse campo. Segundo diz, procurou sistematizar "erros diários de conversação", sem preocupação específica de reagir a Portugal. Não evitava a colocação pronominal espontânea, mesmo que não fosse de acordo com as normas gramaticais, como aparece já no Prefácio Interessantíssimo, da *Paulicéia Desvairada*: "Pronomes? Escrevo brasileiro". Decisão que se acentua depois de 1922: "E agora estou escrevendo brasileiro duma vez. Justifico em artigos mais sérios tudo o que é justificável psicologicamente, os erros que nós fazemos no português das gramáticas de Portugal. É estupendo e saborosíssimo"¹³.

Por maior que fosse a importância da questão lingüística Mário de Andrade não a considerava fator isolado, conforme explica a Bandeira: "De resto, a língua, creio que você sabe bem, não passa de um detalhe dum problema muito mais complexo e cuja complexidade está analiticamente se desenvolvendo em quase

¹³ Carta a S. Milliet datada de 18/11/1923. In DUARTE, Paulo — *Mário de Andrade por ele mesmo*. Edart, São Paulo, 1971, p. 296.

todos os marcos de minha obra.¹⁴ O mesmo será dito depois, a Sousa da Silveira, também em carta: "A tentativa de escrever brasileiroamente, não era senão uma ilação, e não a mais importante, dum ideal muito maior: o de especificar com maior definição da que existia naquele tempo, a *entidade nacional*"¹⁵. Explicação que fundamenta a multiplicidade de seus interesses, no campo da cultura brasileira, na música, no folclore, além da literatura. E no âmbito da língua, leva-o a situar-se entre outros escritores do passado: "No mais não passo dum apenas elo dessa cadeia de que também são elos Caldas Barbosa, um Alencar, um Catulo, elo certamente mais curioso não mais útil porque de tudo me utilizei, até do grotesco, pra normalizar o problema. E ainda uso"¹⁶.

Após *Paulicéia Desvairada* mergulha em pesquisas lingüísticas, conforme declara: "Estou perdido em pesquisas e pesquisas de expressão. Meus problemas atuais, de 1922 em diante, são verdadeiros ensaios, exercícios, estudos. Procuo. Julgo achar. Uma rápida alegria. E a dúvida. A desolação. Terrível. Escrevo muito"¹⁷. A própria definição de experimentação aí aparece, no testemunho vivo de quem a praticou, conscientemente, conforme dirá a respeito de *Losango Caqui*, "outra tentativa ainda mais inquieta que *Paulicéia Desvairada*. Mas é o momento decisivo de minha literatura em que principiei a sistematizar o emprego da *fala brasileira*"¹⁸.

Outro momento de elaboração da experiência lingüística foi *Amar verbo intransitivo*, refeito, mas de uma vez: "Assim que passar a limpo *Amar verbo intransitivo* já inteirinho abrasileirado, mando para você"¹⁸. Nas cartas, no decorrer da reelaboração, na linha de "abrasileiramento" da expressão, muitas explicações vão sendo dadas por Mário de Andrade: "O neologismo... nunca procurei criá-lo. Nasce, sem que eu queira, para a expressão. Aceito-o. É certo que o dicionário é insuficiente. Mas não tenho a mínima pretensão de criar palavras novas para o povo e para a língua. Fora com os Castro Lopes! Meu neologismo tem a vida do momento em que dele preciso. É possível que esse momento não volte nunca mais... Pois viverá uma só vez"¹⁹. Fala também da pontuação: "Examina a pontuação que adotei atualmente. Um mínimo de vírgulas possível. A vírgula a maior parte das vezes é, sabes, preconceito de gramático. Uso dela quando sua ausência prejudica a clareza do discurso ou como descanso rítmico expressivo. Também adotei a pontuação em certos lugares onde as frases se amontoam polifônicas"²⁰.

Enfim, muitas justificativas iam surgindo, à medida que o impacto da renovação atingia seu alvo: os conservadores.

Segundo um dos bem sucedidos estudiosos da linguagem literária modernista, Luis Carlos Lessa, no Romantismo houve propostas ousadas, que não se

¹⁴ ANDRADE, M. - *Cartas a Manuel Bandeira*. Ed. Ouro, Tecnoprint, Rio de Janeiro, 1967. p. 370.

¹⁵ FERNANDES, Lígia org. - *Mário de Andrade escreve cartas a Alceu, Meyer e outros*. Ed. do autor, Rio de Janeiro, 1968, p. 146.

¹⁶ Carta a Manuel Bandeira. Op. cit., p.369. (de 16/08/1931).

¹⁷ Carta a M. Bandeira, Op. cit., p. 30, datada de 1930.

¹⁸ IDEM, ibidem, p.40.

¹⁹ IDEM, ibidem, p.163.

²⁰ IDEM, ibidem, p. 42.

realizaram na prática, tendo sido diverso o procedimento dos modernistas: "Já o mesmo não sucede com relação ao Modernismo. Estes disseram e realizaram. Não criaram, é óbvio, uma 'língua brasileira', mas revolucionariamente, com visos de escândalos para muitos, transplantaram para a língua escrita não poucas expressões e peculiaridades do linguajar falado de nossa gente"²¹. Exemplificando com levantamento amplo, na obra de vários escritores o autor aponta os objetivos no Modernismo concretizados nas produções: "atitude mais desassomburada na tentativa de afrouxarem as amarras da nossa rígida subordinação aos cânones da gramática lusitana e de reconhecerem os direitos relativos da linguagem popular"²².

4. Os estudos sobre a questão da língua no Modernismo.

Ao examinarmos alguns poucos estudos atuais sobre a questão da língua no Brasil, entre os modernistas, depará-mo-nos com algumas surpresas. Poucas tentativas de vulto foram empreendidas, como a já citada de L. Carlos Lessa, que colheu exemplificação abundante. Nessa obra pareceu-nos discutível apenas o critério de escolha de autores, pela inclusão, no mesmo conjunto, de escritores de momentos diversificados da Literatura moderna — fato que pode parecer inócua, mas no caso do Modernismo assume características próprias, pela aceleração da mudança num curto espaço de tempo. Também válida, embora num plano mais modesto, é a obra de Raimundo Barbadinho Neto²³, menos abrangente. Já uma tentativa menos feliz foi a retomada do projeto de Mário de Andrade, a "gramatiquinha da fala brasileira", que contém mais equívocos do que acertos²⁴.

Apenas estes exemplos já demonstram que não só há poucos estudos nessa linha como se evidencia a permanência da polêmica *tradição/rebeldia*, tal como apareceu com clareza nos dois momentos em que as posições se radicalizaram: o Romantismo e o Modernismo. Seria oportuno para isso retomar as idéias de Celso Cunha, que levanta o véu de algumas questões aparentes, apontando sulcos mais profundos que revelam a real natureza do problema: "Problema de língua, conflito de paixões", chama significativamente o capítulo inicial de seu livro. Sua tese é que as posições se radicalizam por desviarem a questão do campo lingüístico para o ideológico. Veja-se o Romantismo e Modernismo, nos quais a língua é encarada sob o ponto de vista do nacionalismo. Note-se que em Alencar e seus críticos mais acirrados, como A. Henriques Leal, censuram antes o uso lin-

²¹ LESSA, Luis Carlos — *O Modernismo brasileiro e a língua portuguesa*, 2ª edição, Grifo, Rio de Janeiro, 1976, p. 37

²² IDEM, *ibidem*, p. 39

²³ BARBADINHO Neto, Raimundo — *Tendências e constâncias de língua do Modernismo*. Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro, 1972.

²⁴ GOMES, José Maria Barbosa — *Mário de Andrade e a evolução da linguagem (A gramatiquinha da fala brasileira)* Ed. Universitária, U.F.P.B., João Pessoa, 1979. Não nos detemos no levantamento e análise dos inúmeros equívocos a que nos referimos por julgar ser necessária uma circunstância mais adequada para tal procedimento, e também por pensar que a tarefa de realizar uma resenha crítica sobre esta publicação caberia aos especialistas em língua.

güístico que o temático, de coisas brasileiras: "... a falta de correção na língua portuguesa, ou antes a mania de tornar o brasileiro uma língua diferente do velho português, por meio de neologismos arrojados e injustificáveis e de insubordinação gramatical"²⁵.

Aparentemente a base das críticas é o purismo, que vê todo afastamento como corruptor. Mas, não é só isso: o que não se aceita é o fato de que o Brasil possa modificar a língua — vista como propriedade única de Portugal. Assim, segundo C. Cunha, há duas direções: a do purismo exagerado, que caracteriza a posição tradicionalista. E a direção nacionalista, partidária da língua nacional. Na realidade, conclui, ambas reconhecem tacitamente que usamos uma língua por empréstimo e a "diferença entre as duas posturas reside no *conformismo* ou *inconformismo* com o estado de coisas"²⁶. O que fica implícito é a questão da língua própria, isto é, permanecem as posições que já foram aqui assinaladas na primeira palestra, na qual se falou da relação de língua própria com autonomia e, inclusive, a relação de propriedade da língua com a de Império, desde o Quinhentismo.

Só queremos comprovar, com estas considerações de passagem, que sob a censura purista há bem mais coisas que a visão ingênua revela. Daí os revides portugueses às ousadias românticas e modernistas, impondo a fiscalização de gramáticos, que vinham nos dizer como falar ou escrever. Na época modernista Cândido de Figueiredo exercia verdadeira tirania lingüística.

Estas duas posturas — tradicionalista e nacionalista — permanecem claramente ou não, os estudos que mencionamos, relativos à questão da língua no Modernismo. L. C. Lessa não esconde que seu objetivo é contribuir para sistematizar o uso brasileiro, em autores consagrados, o que permitiria pensar o projeto de uma gramática do português no Brasil. Já no autor do estudo da "gramatiquinha" os ranços puristas e de preconceitos anti-modernistas presidem a total distorção das posições que a leitura atenta das cartas e uma avaliação pertinente da obra de Mário de Andrade mostram com clareza.

E se persistem as posições, persistem ainda mais os problemas. Continuamos a sentir a ausência de estudos nesse campo de confluência *língua/literatura*. De estudos feitos com embasamento, por pessoas de formação adequada ou por equipes de especialistas diferentes, cada um contribuindo com sua especialidade, abrindo-se aos campos afins. Mas não basta falar, é preciso fazer. E não basta fazer. É preciso fazer bem. Muito há a ser feito como ponto de partida: por exemplo, textos críticos ou ao menos restabelecidos. Passou a moda da Filologia — mas não se fizeram as edições críticas de obras literárias do passado. Surgem linhas novas de estudos lingüísticos e literários, mas continuamos trabalhando com textos nem sempre fiéis ao autor. Se estes pormenores não prejudicam estudos fundamentados no conteúdo, o mesmo não se pode afirmar de estudos lingüísticos ou estilísticos, que ou se realizam com rigor ou perdem a validade. Daí a necessidade de se produzir instrumentação adequada de trabalho, de preferência, antes de aplicar sofregamente modelos importados. Reunir textos esparsos, organizar edições críticas ou anotadas, bibliografias, cronologias, com rigor e honestidade intelectual

²⁵ Apud Cunha. Celso, op. cit., p. 15

²⁶ Cunha Celso, op. cit.

é preencher um vazio que fatalmente se abrirá com o tempo, deixando clara a lacuna de uma tarefa não cumprida. Muitos trabalhos feitos com cuidado, de interpretação e crítica que tivemos ocasião de conhecer, muitos deles apresentados como teses, se invalidam quando o texto no qual incidem não sofreu preparo adequado. É quase impossível, por enquanto, realizar estudos lingüísticos e estilísticos de autores brasileiros sem estabelecimento prévio do texto. Não é preciso ir longe. Isto acontece mesmo com o Modernismo, que é relativamente recente. Ao estudarmos a obra em profundidade sempre temos de voltar às primeiras edições — na falta de edições críticas — pois antes de qualquer abordagem faz-se necessário o exame de um texto fiel. Glossário, notas — relativos a fatos do momento, a certos usos lingüísticos demasiado situados, no tempo e no espaço, tornam-se imprescindíveis ao leitor atual. E se isso acontece conosco, brasileiros, mais ainda com estrangeiros, que em ritmo crescente vêm se interessando pelo estudo ou tradução de obras modernas brasileiras. Muitas vezes estes trabalhos se fazem em cima de textos que não são fruto de edição cuidada. Cito o exemplo do conto “Apólogo brasileiro sem véu de alegoria” — já traduzido ao japonês e francês, e que não teve seu texto brasileiro fixado.

Estas tarefas de base parecem de pouca monta ao interessado superficialmente em Literatura. Mas são compreendidas pelos que encaram a Literatura com seriedade. Esta é a reflexão que deveria resultar dum encontro como este. Não é desdouro para os estudiosos, os alunos de Pós-graduação, realizar trabalhos que exijam uma etapa de embasamento — que é a pesquisa. O resultado compensa, a médio e longo prazo, pelo que fica, pelos frutos que produz e como aquisição permanente para quem o realiza. Numa argüição, recentemente, disse o Prof. Guilhermino César: “Não basta afirmar é preciso documentar”. Frase simples, óbvia, na aparência. Mas de grande alcance, como uma diretriz do trabalho intelectual e que pode se aplicar ao ensino, como norma para a formação do pesquisador, do estudioso, do intelectual honesto.

Sabemos que não é fácil transformar a mentalidade de um povo tão afeito à oralidade, como o brasileiro e tão avesso à elaboração lenta do seu fazer.

Mas, quero encerrar com palavras de incentivo, para os participantes — agora leitores — pois se dizemos que há lacunas nos estudos que englobam os campos de língua e literatura isso também significa que há espaço aberto para muitas pesquisas. Quantos trabalhos quase inúteis se realizam, por falta, às vezes, de vislumbrar o que é prioritário. A pesquisa tem também essa tarefa: a de revelar caminhos a serem trilhados, ou a serem refeitos sob bases novas.

É essa atitude de crença, de fé que acho válido transmitir, pois sinto que posso fazê-lo, na medida em que dentro das possibilidades venho realizando minha parte, como outros também. Veja-se o exemplo deste curso — quando muitos, quase todos, se reportaram à coletânea de textos da Professora E. Pimentel Pinto. Esse volume, recolhendo documentação esparsa, inalcançável para a maioria dos estudiosos e mesmo especialistas, permitiu que se fundamentasse com rigor muitas das afirmações aqui feitas. E como esse, outros tantos, da mesma coleção, que me permito divulgar, embora dela participe: a *Biblioteca Universitária de Literatura Brasileira*, dirigida pelo Prof. José A. Castello, junto à editora LTC — o maior empreendimento editorial, no campo da literatura brasileira, que se vem realizando no momento.

Espero que deste contacto, além do mero interesse ocasional dos que aqui acorreram, possa surgir algo mais que a simples curiosidade em ouvir o que tínhamos a dizer. Não acredito muito na validade de contactos esporádicos, num curso que, mal termina, cada um parte para seus rumos. Mas creio que posso incentivar os que desejem realizar também alguma tarefa de pesquisa, mesmo sem compromisso com títulos.

Entre outras instituições temos o *Instituto de Estudos Brasileiros* da USP, onde trabalho, cujo acervo vem sendo utilizado para a elaboração de inúmeros estudos. E se algum de vocês, a partir deste contato, se interessar em passar de expectador a agente, coloco-me a disposição, em outras circunstâncias e momento, oferecendo minha experiência e meu entusiasmo — pois não aceito que um professor transmita seu ceticismo, sua descrença, àqueles que o procuram. Quando não acreditamos mais no que fazemos, resta-nos no mínimo calar. Para que se abra espaço para outras vozes vibrantes.